

O HUMANO DIANTE DO ESPELHO DA PANDEMIA: REFLEXÕES EXISTENCIAIS SOBRE LINGUAGEM E TÉCNICA

*THE HUMAN BEFORE THE PANDEMIC MIRROR: EXISTENTIAL
REFLECTIONS ON LANGUAGE AND TECHNIQUE*

Adair Adams^I 

Antonio Escandiel de Souza^{II} 

Fábio César Junges^{III} 

^I Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Vacaria, RS, Brasil. Doutor em Educação nas Ciências. E-mail: adairadas@gmail.com

^{II} Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. Doutor em Linguística Aplicada. E-mail: asouza@unicruz.edu.br

^{III} Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. Doutor em Teologia. E-mail: asouza@unicruz.edu.br

Resumo: Human action is directed towards creating a human world in the perspective of a good life. With modern science and technique it became possible to produce the satisfaction of needs and the invention of new ones according to the possibilities of desire. However, finitude and human sense are not found in science or in technique. The new coronavirus makes these dilemmas manifest both from an individual and a collective perspective. Based on a bibliographic research, a set of questions is presented that demand a deep thinking with an existential bias in the current pandemic context.

Palavras-chave: Linguagem. Existência. Técnica.

Abstract: This study is dedicated to the understanding of social actions directly related to the evolution of the protection of intangible cultural assets contained in the Constitution of Brazil. Social agents and their interactions in the socio-cultural context are identified. The regulatory activity of cultural practices is interpreted according to the constitutional parameters and the paradigm of the Weberian bureaucracy. The analysis indicates the importance of preserving the diversity of immaterial goods and their implications for the formation of diverse and plural social groups.

Keywords: Language. Existence. Technique.



DOI: <https://doi.org/10.33053/dialogus.v9i2.389>

Recebido em: 13.10.2020

Aceito em: 23.11.2020

Dialogus



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

1 Apresentação da questão

Estar envolvido de modo integral, enquanto vivente, na pandemia da COVID – 19 permite uma reflexão limitada, pois não é possível objetivá-la na e pela distância. Ela ainda não se tornou um objeto para nós. Nós, humanos, e ela constituímos uma situação vivencial em que ambos formam um sujeito sem objeto. O maior propósito humano é estar vivo e assim permanecer até *essa pandemia passar*. Mas na limitação dessa reflexão há algo potente, de que o pensar sobre a vida se torna mais urgente. A angústia diante da incerteza, o temor de não estar mais aí em breve e o medo de perder os próximos afetivamente manifestam a emergência de uma meditação ampla, profunda e aberta sobre a vida.

Diante de tantas narrativas que ocupam as mentes humanas de intelectuais das mais diversas áreas, seja economia, política, saúde, seja filosofia, sociologia e psicologia, o silêncio se apresenta como uma boa alternativa para situar-se nesse desconforto societal causado por um vírus entre tantos que existem. No entanto, acreditamos que é possível pensar em outras frentes sem determinar a importância de uma ou outra. Propomos um percurso reflexivo sobre a questão da técnica na perspectiva heideggeriana, com objetivo de esclarecer a situação paradoxal da condição humana na atualidade. O paradoxo diz da nossa condição humana enquanto sabe e pensa a si mesma num mundo que se constitui tecnologicamente. Pensamos o mundo, nossas organizações, nossas atividades, nossa vida e o sentido de nosso viver como forma de compreender se é esse o modo que queremos viver ou não. Uma vacina capaz de impedir a morte dos sujeitos infectados pelo Novo Coronavírus é a salvação da humanidade? A técnica pode nos *salvar* nessa pandemia?

A sequência de argumentos que apresentamos ao longo desse texto tem uma orientação filosófica, gerada por instigações bibliográficas de autores como Heidegger e Gadamer e por alguns de seus intérpretes. Não há aposta em encontrar um diagnóstico ontológico da pandemia, nem estabelecer princípios práticos de como viver nestes tempos desérticos. Objetivamos apenas compreender de outro modo alguns dilemas humanos relacionados ao seu agir no âmago de sua condição finita.

2 Paradoxo da ação humana

Para Heidegger (2013a), o ser humano é essencialmente um ser que pensa e, no entanto, não está a pensar sobre sua condição de ser em meio à técnica. O paradoxo se dilui quando compreendemos que na atualidade há muito pensamento ao nível de todas as conquistas científicas que abundam em todas as áreas. Mas há algo que está ficando à margem, um dos pressupostos da ciência e da técnica modernas, o pensar meditativo. Esse meditar diz do sentido do ser humano na sua relação com o ser.

Compreendemos que essas dimensões de ser e agir humanas, da ciência e da meditação, permitem que não instauremos em nossas teorias e práticas as tecnologias como uma nova natureza humana. A questão problemática é de não se perguntar, de não dar tempo para pensar, se caminhamos para um rumo certo, se esse certo é o horizonte do rumo que estamos buscando

e, por fim, se esse horizonte diz algo do ser humano em seu sentido de ser. Em todas as áreas do conhecimento, em boa medida na filosofia também, há uma preocupação central de resolver os problemas que enfrentamos com as tecnologias que construímos. E para a resolução pensa-se apenas que é construir novas tecnologias. Na atualidade, uma nova vacina para combater o Novo Coronavírus.

O modo e a recorrência pelos mais diversos públicos com que os conceitos de técnica, de tecnologias laboratoriais na área da saúde, de tecnologias da comunicação e informação são usados levam a pensar que é um conceito claro e evidente, ao modo cartesiano, para todos. E há quase um consenso entre as pessoas em geral que nós dependemos em tudo das tecnologias. E isso não é para menos, porque as pesquisas nas empresas relacionadas ao setor de produção e invenção têm concentrado suas energias em desenvolver instrumentais tecnológicos que pudessem ser produtos de consumos como quaisquer outros que dizem respeito às necessidades fisiológicas. Um olhar rápido permite afirmar que o celular, por exemplo, se tornou um produto de consumo tão ou mais importante que uma boa alimentação. Assim, as diversas tecnologias constituem-se em uma interpretação daquilo que somos no presente.

Não há como posicionar-se pró ou contra a tecnificação¹ sem compreendê-la na perspectiva de sentido de ser do humano e sem compreender a dimensão ontológica da técnica. Heidegger (2013) aponta que há uma massificação do pensar e agir pela técnica moderna, sobretudo pela expansão frenética de aparatos técnicos no cotidiano do ser humano. Assim, é ingênua qualquer ação que vá contra o mundo técnico e que é míope a interpretação que condena a técnica como obra que desumaniza. Atualmente, dependemos mais que socialmente da técnica enquanto possibilidades da organização da sociedade. O ser humano constitui-se de relações essencialmente técnicas.

Heidegger não elabora uma reflexão sobre a técnica ao nível social e cultural, mas uma dimensão filosófica, alertando para alguns perigos da era moderna centrada na técnica. A partir do diálogo com René Char, poeta combatente do tecnicismo, Heidegger afirma que em Provenza foram erguidas as bases de mísseis e a região se esteriliza de uma maneira inimaginável, seguindo novas formas de holocausto da vida do planeta. Char, que não é um romântico ou idealista, argumenta que se o “pensar e o poetar não conseguem alcançar o poder da não-violência, o desenraizamento que se está a dar do homem será o fim” (HEIDEGGER, 2012)². Além disso, afirma que com os avanços nas áreas técnicas específicas e sua inserção em todos os campos que o humano constitui como vitais, já não se pode “definir a qual ponto essa revolução tecnológica irá alcançar. No desenvolvimento da técnica se reproduzirá cada vez mais rápido e não se poderá deter por parte alguma” (HEIDEGGER, 2012).

No texto *O fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*, Heidegger (2000, p. 68) afirma que “não é necessário ser profeta para reconhecer que as modernas ciências que estão se instalando serão, em breve, determinadas e dirigidas pela nova ciência básica que se chama cibernética”. Hoje

1 Aqui utilizamos o conceito no sentido de criar tecnologias para todas as relações humanas. Ou seja, transformar o mundo humano em uma grande e diversificada aplicação técnica.

2 “Nur noch ein Gott Kann uns retten“ in der Spiegel N° 23, Hamburg, 1976; p 206 und 209. Utilizaremos a versão portuguesa publicada em www.lugosofia.net/textos/heidegger_der_Spiegel.pdf.

esse debate faz parte em todas as áreas das ciências humanas, inclusive no campo da educação, uma vez que não se sabe mais o que fazer e como fazer o pedagógico com o espraiamento dos instrumentos tecnológicos por todos os setores da sociedade e, sobretudo, pelo seu uso por parte das novas gerações humanas que têm nessa linguagem não uma nova perspectiva antropológica, mas uma possibilidade nova na própria plasticidade de ser da linguagem na acontecência histórica. Não obstante toda essa expansão, com a pandemia, a educação escolar foi atingida em seu vórtice principalmente pela falta de acesso da maioria da população ao que há de mais evoluído na atualidade, as tecnologia da comunicação e informação.

Da clássica distinção que Heidegger fez entre o ôntico e o ontológico³, pode-se afirmar que permanecer numa análise sociológica ou cultural é compreender apenas os aspectos ôntico da técnica, que não diz tudo sobre ela e nem das questões centrais do sentido do ser humano. E sobre essa dimensão é que se toma partido em movimentos contrários em relação à técnica, sobretudo por seu desenvolvimento como determinação e/ou orientação dos modos cotidianos de ser do ser humano. Sem dúvida, Heidegger não desqualifica os aspectos ônticos, mas sua marca filosófica desde as suas primeiras obras dos anos 20 vai ser a compreensão de como os entes são entes no ser e o ser é ser dos entes. O ôntico e o ontológico acontecem em um entrelaçamento mútuo de manifestação e ocultação do primeiro no segundo.

A reflexão filosófica sobre técnica não permanece restrita ao tecnológico enquanto tal, mas vai na direção de um questionamento do seu sentido, quando compreendendo que à técnica “pertence a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem” (HEIDEGGER, 2006, p. 12). A essa dimensão é possível juntar as mais finas e completas técnicas do momento atual em todos os campos que se desejassem: bioquímico, psicanalítico, linguístico, microfísico, sociológico, estatístico, computacional. Todos eles acabariam se incluindo no âmbito da técnica se não se põe em jogo um olhar fenomenológico hermenêutico que o envolve com o desocultamento do ser, isto é, com o acontecer histórico da verdade do ser no qual este tem de mais radical. Stein (2006) argumenta que essa reflexão não se atém somente e nem principalmente aos artefatos técnicos – gênese, evolução, vantagens, perigos – numa perspectiva ôntica, mas que manifesta entre outras coisas uma interpretação filosófica da época atual, a era da técnica moderna e as possibilidades de pensar o sentido humano.

Heidegger (2006) radicaliza as questões de tal modo que o fato de se mover em um nível ontológico não significa uma despreocupação quanto aos assuntos éticos que permeiam a contemporaneidade entendida como era da técnica. Porém, uma ética possível em Heidegger (2008)⁴ não deve ser entendida somente como uma introdução a um conjunto de regulações que dizem como o ser humano deve viver junto a *uma segura constância de seu planejar e obrar no todo*. Mas, isso sim, como reflexão sobre nosso modo de vida, no sentido que remete ao originário de *ethos* em que podemos nos compreender de modo mais amplo e profundo, considerando o que

3 A compreensão própria de Heidegger inicia com o texto *Ontologia: Hermenêutica da facticidade* e tem todo seu desenvolvimento com a obra *Ser e Tempo*.

4 A base desse argumento é a *Carta sobre o Humanismo* (Heidegger, 2005). Neste texto Heidegger explica os motivos de não escrever uma ética ao modo dos tratados que desde Kant têm sido elaborados.

somos e como somos na atualidade. Segundo Heidegger (2006), *ethos* significa instância e lugar do habitar. A palavra nomeia um âmbito aberto no qual o homem habita (*Wohnt*). Isso implica que a meditação sobre a técnica manifesta o nosso modo de habitar correspondente à técnica, isto é, nos leva inexoravelmente a um pensar que procura compreender a verdade do ser como dimensão mais originária do ser humano, o que seria uma ética originária. A reflexão sobre a técnica conduz a essa ética originária como um pensar sobre a maneira de habitar enquanto é um modo propriamente de o humano estar sobre a terra.

Diante dos problemas e desafios do mundo técnico, Heidegger não tem uma argumentação clara tanto na dimensão ética quanto na dimensão epistemológica, mas procura abrir caminhos para ambas as dimensões sem, no entanto, a pretensão de apoderar-se do poder da época. Compreendemos que seu pensamento não é uma manifestação nem do ser como vontade de poder, nem do afã do poder do pensar técnico na dimensão ôntica. Reconhecer a impotência como pensador diante dos poderes do mundo contemporâneo é uma compreensão profunda da situação de que o “homem se comporta como se *ele* fosse o criador da linguagem, ao passo que *ela* permanece sendo a senhora do homem” (HEIDEGGER, 2006, p. 126). De acordo com o autor, a mesma situação se dá em relação à técnica, na condição de o homem não poder aspirar à verdade do mundo técnico e de apoderar-se dela. A questão de fundo está em pensar um projeto técnico cujo desenvolvimento se dê em harmonia com um projeto humano, em seus sentidos histórico-existenciais⁵.

Segundo Heidegger (2006), o ser se manifesta na era da técnica moderna como vontade de poder. Ao refletir mais estritamente sobre o caráter tecnologizante de nossa época, pode-se dizer que o ser toma a figura da *Gestell*: o disposto, a im-posição; o dispositivo; e a forma do *Gestell* se torna preponderante sobre toda a técnica que homem cria como mediação da constituição de mundo. E “isso se funda, porém, na própria coisa que aqui nos vem à linguagem” (HEIDEGGER, 2006, p. 21).

O dispositivo é o nome para designar a essência da técnica moderna. Como toda técnica moderna, o dis-posto enquanto dispositivo tem um caráter ambíguo. Por uma parte, o dis-posto se manifesta induzindo ou privando ao homem o des-ocultar do que existe de maneira provocante. A verdade provocativa do ser suscita a verdade provocante do ente, sendo o homem mediador, por assim dizer, entre um e outro. Ainda, o perigo inerente ao acontecer do dis-posto emerge como salvador, de que no perigo ou deserto também mora a salvação (HÖELDERLIN, 2012). Essa reflexão é fundamental para não cair num dualismo tecnológico de seus usos, para o mal ou para o bem, que remete a um tipo de argumentação metafísica dualista da modernidade.

Assim como nenhum destino pode desviar-se ou voltar-se atendendo à pura vontade humana, a tendência presente na vontade de poder, no dis-posto, não pode ser modificada segundo nosso gosto ou nossa conveniência. Porém, ainda que o ser humano tenha acolhido esse destino do ser, pode dar-se conta que o modo da técnica de destinar o ser ao homem não é a única, e postergar essa única possibilidade seria cair no erro de não ver a riqueza desse

5 A decisão de pensar possíveis formas de harmonização se dá no campo da política, pois a deliberação ética-técnica é algo que pode acontecer no encontro comum de cidadãos. Esse aspecto será retomado em parte no quarto capítulo, através do conceito de mundo comum, entendido como horizonte político da educação.

destino que aguarda outras possibilidades, que encerra um futuro inédito, mesmo ainda não vislumbrado. Assim, não se esgota a questão da técnica, em princípio, pela não limitação do ser, porém se avança pelo mundo técnico em uma forma que já não é meramente técnica.

Tampouco está nas mãos do ser humano o aceitar ou rechaçar simplesmente este modo de verificar da técnica moderna. O revelar provocante forma parte da história do ser e é um momento do seu destino, para além da vontade de querer ou não querer já se tem instalado muitas vezes. Essa é uma das questões que conduz a um deserto reflexivo nas ciências humanas, como na educação, na ética e na política, entre outras, pelo fato de que parece que a humanidade do ser humano está consumada em processos de automação e que resta apenas uma adequação. Assim, o perigo da técnica nas suas representações contemporâneas está em ser ancoradouro de sentido em um mundo sem sentido (STEIN, 2011).

Não obstante esta manifestação da verdade da questão da técnica que tende a erigir-se como a única válida, ela não esgota os modos da *aletheia*. Frente a ela ou ao seu lado é possível, também, um desvelar acolhedor e respeitoso que deixa os entes serem o que são sem imposições nem exigências, sem utilização ou exploração ao extremo. Manifesta-se na *aletheia* um modo da verdade protetora inerente ao genuíno habitar em que

resguardar não é simplesmente não fazer nada com aquilo que se resguarda. Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência, seguindo a correspondência com a palavra libertar: libertar para a paz de um abrigo (HEIDEGGER, 2006, p. 129).

Essa possibilidade “de libertar para a paz de um abrigo” é suplantada por uma direção tecnológica que reduz o ente à constância dos estoques e reservas para o desocultar provocante da técnica moderna. Heidegger se refere a essa modalidade que lhe é imposta ao ente na nossa época. A política de energia e das organizações dos territórios não tem nenhuma ocupação propriamente com objetos, mas de uma planetarização geral que ordena o espaço e o tempo em vistas de explorações que podem acontecer. Assim, o ente entra num sistema de utilidades em que tudo está numa relação de reservas e fundos que podem se tornar utilidades para um determinado fim.

Segundo Gadamer (1983), não é necessário que o ser humano se vincule com o ente reduzido à constância e ao dar-se o quanto dele puder para que ocorra a transformação técnica do ente que o faz converter em um sentido comercial e de poder⁶. Sem dúvida, o ente não pode dar-se como objeto – para a virada científica - ou como algo disponível para a sua explanação – para o olhar técnico. Pode dar-se também e antes de tudo como coisa. E nossa mais genuína relação com o ente ocorre, precisamente, quando o assumimos como coisa. “De há muito, nosso pensamento habituou-se a fixar a essência das coisas de forma *extremamente indigente*. No decurso do pensamento ocidental, a consequência desse hábito foi se representar a coisa com um X, dotado de propriedades sensíveis” (HEIDEGGER, 2006, p. 133).

6 “Realizando a técnica, o homem participa da dis-posição, como um modo de desencobrimento. O desencobrimento em si mesmo, onde se desenvolve a dis-posição, nunca é, porém, um feito do homem, como não é o espaço, que o homem já deve ter percorrido, para relacionar-se, como sujeito, com um objeto” (HEIDEGGER, 2006, p. 22).

A natureza enquanto parte do ente chega à extrema decadência na era técnica. Heidegger (2008) observou que no hino de Hölderlin *Como quando em dia de festa* se alude a mais alta manifestação histórica da natureza. Depois de uma larga transmutação, a natureza se mostra como aquilo que desde séculos vai sendo compreendido em termos de ciência e agora é explorado como recurso universal.

A técnica moderna transforma a natureza em particular e o mundo em geral em um grande laboratório de serviços como uma fonte de energia para si própria. A natureza é, antes de tudo, para o homem atual o principal armazém de existência de energias. Vinculada com essa aparição da natureza, existe outra, que em rigor, é somente outra faceta desta demonstração. Trata-se do que Heidegger (2013) chama natureza calculável. Assim, os seus argumentos são um convite para acercarmos à outra modalidade da natureza, que denomina natureza natural e não natureza simulada. E em que consiste tal natureza ou modulação sua? Heidegger responde: a naturalidade da natureza é em sua essência, e dali historicamente, muito mais antiga que a natureza tomada no sentido das ciências naturais modernas.

O ser humano da era da técnica já não é concebido nem tratado como animal racional ou criatura feita à imagem e semelhança de Deus, mas se transforma em animal de trabalho, em material humano, avaliado segundo o posto que ocupa no dispositivo da produção e segundo sua eficácia e rendimento nele. Ou, se quiser, o ser humano segue sendo o animal racional, entendendo a palavra razão, *ratio*, em seu sentido original. Racional significa, então, contabilizador, calculador, computante. Que a racionalização das empresas e instituições implique na recolocação de sentido no desejo de material humano não tem nada de estranho para o homem dominado pelo espírito da essência da técnica moderna. É certo que com frequência se concebe que o mais valioso de um dispositivo técnico é o material humano, significa que já tenha sido rebaixado ao mesmo nível do resto dos entes, entendidos, pelos demais, como *Bestand*, constantes, algo sempre disponível para a sua utilização (GADAMER, 1983).

Diante dessa maneira técnica de dar-se do ser humano, há outras maneiras de manifestação, mas que permanecem veladas por causa dessa determinação que se apresenta de maneira global com pretensão de totalidade. Sem pretender nenhuma exaustividade – algo impossível de alcançar, algo talvez, carente de sentido neste âmbito – propõe, por exemplo, pensar a essência do ser humano como pertencente à essência do ser no sentido em que é necessitada por este para guardar a essência do ser em sua verdade. Heidegger (2006) ressalta que o homem é o necessitado para a custódia da essência da verdade do ser. Outra dimensão, no entanto, é a de habitar o mundo por parte do ser humano. Por certo, nesta interpretação do ser humano manifesta-se a centralidade do habitar como modo de ser mais próprio em sua finitude. Na mesma orientação de interpretação do ser humano estão as compreensões de que ele fala e pensa. E a linguagem é a dimensão originária no qual o humano se manifesta na relação com os entes e com o ser.

A questão central da essência da técnica moderna não está nos aparatos tecnológicos que são construídos diariamente de modo frenético. A técnica moderna se constitui de tal modo que ela não tem mais uma vinculação direta de fazer algo com esses instrumentos (GADAMER, 1983). O imperar da técnica na organização da sociedade atual flui pelo mais recôndito de tudo

quanto há, instalando-se no pensar mesmo do nível ôntico. Desde aí opera seu poder com toda a força, imprimindo a sua marca nos mais inesperados aspectos da vida.

Heidegger procura descrever o perigo que o ser humano vive no emaranhado dos aparatos técnicos, sobretudo das grandes empresas bélicas que utilizam de ciência para potencializar produções com poder destrutivo cada vez maior. Porém, considera que o maior perigo está naquilo que mantém relação com a essência do próprio ser humano. “A ameaça, que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça já atingiu a essência do próprio homem” (HEIDEGGER, 2006, p. 30). Esta ameaça, o perigo supremo, consistiria no pensar computante que é o desocultar provocante que atrofia todo outro modo de pensar, outras modalidades da verdade, que podem vetar “ao homem voltar-se para um descobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural” (HEIDEGGER, 2006, p. 31).

O modo de pensar suplantado pelo pensar computante é o pensar meditativo, o pensar que reflexiona sobre o sentido que impera em tudo o que é. Segundo Heidegger, ambos os tipos de pensar são necessários. E em um genuíno habitar os dois devem ser assumidos de forma séria, ampla e profunda, cada qual na medida e na forma que lhe corresponde.

Frente à objeção de que a meditação assídua é demasiado elevada para o entendimento ordinário, Heidegger responde que “qualquer um pode seguir a sua maneira e dentro de seus limites os caminhos da meditação [...] basta com que demoremos no próximo e meditemos no mais próximo: no que nos prende, a cada qual, aqui e agora” (HEIDEGGER, 2013a). Por outra parte, o pensar meditativo nos exige que não permaneçamos seguros sem uma só representação no sentido de que não sigamos correndo por uma só trilha na direção de uma única ideia. Para Heidegger, o pensar meditativo nos conduz para além do caráter produtivo da técnica, manifestando nossa condição de habitar a terra. Isto aconteceria, por exemplo, quando utilizamos os objetos técnicos e não obstante, pese a sua conveniente utilização, nos mantemos tão livres deles como para conservar em todo momento a distância necessária.

Na era da técnica moderna vai se impondo cada vez mais com mais força a concepção instrumental da linguagem, que não é incorreta, porém não é plenamente verdadeira. De fato, “a consequência da precipitação e da banalidade inerente ao uso da fala e da escrita, hoje predomina uma relação com a linguagem, mas é mais decisiva. Pensamos que a linguagem [...] como todas as coisas que estamos cotidianamente em relação não é mais que um instrumento, a saber, um instrumento da comunicação (Verständigung) e da informação (information)” (HEIDEGGER, 2013).

Para Stein (2011), a complexidade e mesmo o perigo da técnica como modo fundante do ser humano está na concentração da linguagem como instrumento simplesmente de informação. Essa instrumentalização conduzida pela humanidade num contexto de produção de cérebros eletrônicos, não apenas em termos de computadores, está se especializando em produzir máquinas que pensam e possam fazer traduções. Com tais máquinas se pretende regular e calcular o modo de nosso possível uso da linguagem. Para a técnica moderna estas máquinas são – e sempre todo, chega a ser – modos de dispor do mundo da linguagem. Muitos instrumentos tecnológicos pela

sua condição de utilidade manifestam à primeira vista que é o ser humano que mantém um domínio sobre a máquina. No entanto, poderia ser na verdade elas que põem a linguagem em ação, produzindo amarras à constituição de sentido e de ser próprios do ser humano.

Segundo Heidegger (2006), a era técnica moderna converte a linguagem em procedimentos de instrumentos que estão a serviço da economia com respaldo político, sendo que a ciência, como o saber desses instrumentos, coloca sob sua tutela, com um poder globalizador, tudo aquilo que pode ser tecnificado com uma vontade totalizadora. A linguagem é o modo apropriado de manifestação do ser e sua morada mais própria disposta desde o ser. A partir desse pressuposto, de pensar a essência da linguagem desde a correspondência a respeito do ser, a linguagem é em sua dimensão mais fundamental a morada do sentido do ser humano.

O homem, porém, não é apenas um ser vivo, pois ao lado de outras faculdades, também possui a linguagem. Ao contrário, a linguagem é a casa do ser; nela morando, o homem *ex-siste* enquanto pertence à verdade do ser, protegendo-a (HEIDEGGER, 2005, p. 38).

A linguagem é a casa do ser e a morada do ser humano. A linguagem não é uma característica a mais do ser humano, senão aquilo que o define como tal, pois no âmbito da linguagem ele *co-responde* ao chamado do ser e pertence a sua verdade. O ser humano guarda aquilo onde habita, isto é, onde *ex-siste*, a saber, a verdade do ser (HEIDEGGER, 2005).

3 Alguns horizontes de reflexão

A pandemia do novo coronavírus transformou a vida em algo *pro-vocativo*. Todos os debates, lives, postagens nas redes sociais, discursos, em todos os sentidos, revelam a inexperiência dessa geração com algo catastrófico mundial e a dimensão de o humano ser um iniciante no viver. Em toda essa busca pela compreensão da finitude que é apressada em cada sujeito que falece pela COVID – 19, da organização e estruturas da sociedade, dos horizontes pós-pandemia e das lutas motivadas por ela, manifesta-se que “a vida dos mortais está essencialmente determinada e sustentada pela palavra” (HEBEL *apud* HEIDEGGER, 2006, p. 170). E, em seu epistolário podemos ler: “Uma grande parte de nossa vida é um deambular agradável ou desagradável através das palavras, e a maior parte de nossas guerras são... guerras de palavras” (HEBEL *apud* HEIDEGGER, 2013). Mas, palavras que nos permitem compreender no mundo que habitamos e constituímos via linguagem, tradição e organização comum de convivência. Hoje, com a doença planetária, percebe-se que nem na pluralidade e diversidade das palavras o seres humanos se encontram para falar e escutar a si e aos outros.

A argumentação de Heidegger *com-voca* para um pensar que não se entrega ao cálculo e a tendências de automação de nossa convivência, sobretudo da falsa dicotomia entre salvar vida ou salvar economia. Essa tendência humana de apresentar uma resposta rápida para os dilemas obnubila possíveis encaminhamentos reflexivos da vida, pois o que se busca é apenas uma solução para a pandemia e não para os problemas que ela expôs.

O pensar calculante, tecnificador, é um horizonte apazível diante das interrogações e questionamentos que exigem esforço, dedicação e problemas existenciais, sociais e culturais,

bastando uma vacina para um retorno à normalidade. A característica central desse pensar calculador é uma objetivação que planifica, organiza e controla, que tem circunstâncias e resultados definidos, sem possibilidade de espaço e tempo para meditar e refletir sobre o “sentido que impera em tudo quanto é” (HEIDEGGER, 2013a, p. 5).

Neste momento pandêmico urge, com certeza, a produção de medicamento capaz de evitar a perda de vidas pelo novo coronavírus. No entanto, este momento tem uma energia maior para repensar o humano em seu modo de viver, organizar o mundo e projetar novas perspectivas de vida coletiva. A partir das leituras que referenciamos, fica razoavelmente claro que isso não depende de uma tecnologia, mas de um exercício humano de interlocução compreensiva, de um pensar meditativo, capaz de desvelar o sentido de ser humano, uns com outros, em sociedade. A pandemia apenas desvelou uma parte daquilo que permanece oculto no entre-humanos e sua (in)capacidade de lidar com as tarefas de (des)encontros com outros humanos e com as espécies existentes no planeta. O humano é o melhor antídoto para todo vírus de desumanização.

Referências

- GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Coleção os Pensadores. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: hermenêutica da facticidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Já só um Deus pode ainda nos salvar**. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_der_spiegel.pdf. Acesso em: junho de 2012a.
- HEIDEGGER, Martin. **Hebel: el amigo de la casa**. Disponível em <http://www.heideggeriana.com.ar/textos/hebel.htm>. Acesso em: junho de 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidad**. Disponível em <http://www.heideggeriana.com.ar/textos/serenidad.htm>. Acesso em: junho de 2013a.
- HÖLDERLIN, Friedrich. **Hipérion ou o Eremita na Grécia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- STEIN, Ernildo. **Pensar é pensar a diferença**. Ijuí: Unijui. 2006.
- STEIN, Ernildo. **Pensar e errar, um ajuste com Heidegger**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2011.